

# SÃO LUIZ

Teatro  
Municipal  
2013

1 a 3 Fev

## Jim Companhia Paulo Ribeiro

Sexta e Sábado às 21h00;  
Domingo às 17h30  
Sala Principal; m/3  
Duração: 80 minutos

### Coreografia e Direcção

Paulo Ribeiro

### Música

*Indigo* de Bernardo Sasseti;  
*An American Prayer* (álbum)  
e *Spanish Caravan* de The Doors

### Colaboração e

### Assistência Musical

Miquel Bernat

### Vídeo

Fabio Iaquone

Luca Attilii

### Desenho de Luz

Nuno Meira

### Figurinos

José António Tenente

### Interpretação

Anna Réti

Carla Ribeiro

Leonor Keil

Sandra Rosado

Avelino Chantre

Pedro Ramos

### Participação Especial

Paulo Ribeiro

### Operação de Luz

Cristóvão Cunha

### Operação Vídeo

Tomás Pereira

### Agradecimentos

Joana Machado

Graeme Pulleyn

Cine Clube de Viseu

### Fotografia

Luis Belo

### Co-produção

Guimarães 2012 - Capital  
Europeia da Cultura, Teatro  
Nacional São João e SLTM

*Para o nosso querido Bernardo Sasseti...*

*Com um pensamento muito terno!*

**Paulo Ribeiro**

Seduzido pela força da poética de Jim Morrison, um dos ícones mais irreverentes da década de 60, e pelo seu *An American Prayer*, disco póstumo, o Coreógrafo Paulo Ribeiro deixou-se conduzir pelas palavras e pela espiritualidade do músico para reflectir sobre o lugar de cada indivíduo na relação com o mundo e sobre o lugar da dança. Fiel no respeito pelo universo de Jim Morrison, mas desprendido no resgate de uma interioridade em perigo iminente, construiu uma peça alicerçada na necessidade de cada um se repensar como colectivo e de ter tempo para se ouvir. Embebida pela vontade de romper e de transformar, a peça é habitada por sensações que se constroem e desconstroem, que orbitam em redor de uma época, de uma política, de um abandono, de uma preocupação, mas também de algo festivo e de uma Humanidade vigorosa. Cúmplice de Morrison, mas emancipado no jogo dos corpos, Paulo Ribeiro contraria o que chama de aniquilamento interior, alimentado pelo fantasma da insustentabilidade de um mundo; provoca a apologia do colectivo e semeia alguns acidentes benévolos, feitos para agitar a percepção de quem assiste, bem ao jeito da sua dança orgânica e activa.

### PAULO RIBEIRO COREÓGRAFO

Depois de uma vasta experiência como intérprete, Paulo Ribeiro começou a coreografar em 1984 na 1ª Biennale Off, de Lyon (França). Posteriormente, criou e remontou obras para diversas companhias de renome como Nederlands Dans Theater (Holanda), Grand Théâtre de Genève (Suíça), Centre Chorégraphique de Nevers (França) e Ballet Gulbenkian (Lisboa, Portugal). E mais, recentemente, para o Ballet de Lorraine (França), Grupo Dançando com a Diferença (Madeira, Portugal) e Companhia Nacional de Bailado (Lisboa, Portugal). Em 1995 fundou a sua companhia de autor para a qual já criou quinze obras originais, com as quais conquistou importantes distinções nacionais e internacionais, algumas das quais nos prestigiados Rencontres Choregraphiques Internationales de Danse, de Seine Saint Denis (França), em 1996. Paralelamente à actividade coreográfica foi ainda comissário do ciclo *Dancem!* do Teatro Nacional São João, no Porto, em 1996, 1997, 2003, 2009 e 2011; director artístico do Ballet Gulbenkian, entre 2003 e 2005; director-geral e de programação do Teatro Viriato, em Viseu, entre 1998 e 2003, e, de novo, a partir de 2006 e até este momento.



GUIMARÃES 2012

**TNSJ**

TEATRO  
NACIONAL  
SÃO JOÃO  
PORTO

(...) Construído no desejo sincero da poesia e ao mesmo tempo assumindo o lugar político que, em Ribeiro, é inerente à própria dança, “JIM” é um monossilabo, um nome, um pedaço orgânico, corpos que se desconjuntam, mas que também buscam novas configurações plásticas nas relações que entre si estabelecem. Os corpos convocados são os de Anna Réti, Carla Ribeiro, Leonor Keil, Sandra Rosado, Avelino Chantre, Pedro Ramos e do próprio Paulo Ribeiro. Todos trazem para o lugar dramático presenças individuais, com espessuras e densidades próprias atravessadas pelas palavras do poeta vocalista dos Doors. A impressão é a de que os movimentos físicos assentam sobre ossos flexíveis, e as vértebras se organizam em linhas ondulantes, o que acentua a qualidade orgânica da coreografia. (...)

**Daniel Tércio, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 28 Novembro 2012**

(...) Faz parte de qualquer criação, e da dança em particular, viver um corpo que se desfaz no ato de criar. O ponto de partida para um novo espectáculo é um espaço aberto que se vai procurando preencher. Nesse processo, diz Paulo Ribeiro, “desmembras-te, és esquartejado, porque as possibilidades são imensas e tens de as afunilar para serem perceptíveis e para que o público passe por ali e leve algo com que se interrogue no dia seguinte”. Diz ele que, inevitavelmente, reformula um novo manifesto humano a cada nova obra, “ainda mais porque são os corpos que mexem, são os corpos que se sacrificam”. Hoje, tudo pesa mais e faz-se mais presente na realidade de um bailarino que dança “independentemente do seu estado de alma, da sua vida privada, das mazelas que tem no corpo”. O manifesto é desta vez declarado por seis bailarinos em cena e a participação do coreógrafo, mas Paulo Ribeiro fá-lo num tom diferente do que lhe era habitual na sua história da dança antes de “Du Don De Soi” (coreografia inspirada no universo cinematográfico de Andrei Tarkovsky, criada para a Companhia Nacional de Bailado em 2011). Agora, compõe uma poética que procura um tempo mais permanente, menos vertiginoso e mais honesto. Porque, descobriu com Tarkovsky, “a velocidade mente; o tempo lento diz a verdade”. (...)

**Claudia Galhós, *Expresso*, 24 Novembro 2012**

---